

Litoral

AVEIRO, 12 DE OUTUBRO DE 1968 * N.º 727

OFERTA



Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Comp. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Moraes, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

ACTIVIDADE MUNICIPAL 1969

A uma velhinha, tão devota quanto gulosa, perguntaram como ambicionava o céu: — Enorme montanha de pão-de-ló — respondeu — com suas neves de açúcar e rios de capilé...

Em «Cada cabeça... sua sentença», inquérito de Pinto da Costa nestas colunas, algumas anónimas cabeças ditaram suas sentenças sobre a imprensa local. Todas reve-

Continua na página cinco

realizações projectadas, a prosseguir, ou iniciar, no próximo ano.

Considerações nossas, que tínhamos por pertinentes; complementaridade das informações com elementos que pessoalmente foram fornecidos à Imprensa pelo Presidente da Câmara — tudo ficará, por agora, a aguardar novos contactos com o sr. Dr. Artur Alves Moreira, que se propôs avistar-se periodicamente com os órgãos de informação, destinando um só tema para cada uma das conferências.

ARA a execução dos programas de urbanização, continuará a Câmara a ter necessidade de ir adquirindo os terrenos e prédios que a tal se ofereçam, com a grande vantagem de, uma vez urbanizados, poderem ser postos à consideração dos municípios interessados, em hasta pública, de molde a serem ocupados, a curto prazo, pois tal será sempre

imposto, com as respectivas construções, pré-definidas, e, ainda, de se contrariar a tendência especulação de alguns proprietários que nem constroem nem cedem os seus terrenos em razoáveis condições, a permitir uma utilização adequada à valorização das áreas em que se inscrevem.

Considerar-se-á como actuação igualmente dominante, no próximo ano, a construção de casas de renda económica, especialmente destinadas a funcionários administrativos e públicos, aos desalojados (mercê de obras de urbanização) e a pobres, pois neste sector não houve possibilidade ainda de o Município actual com eficiência, encarando frontalmente o problema. Com este fim, já foi adquirida, no corrente ano, com largo dispêndio do Município, uma grande propriedade, com cerca de 20 000 metros quadrados, na cidade,

estando já concluídos os estudos técnicos que permitirão brevemente apresentar à consideração superior a solução adoptada que, uma vez aprovada e reunidas as condições financeiras, permita dar expressão a tão meritória iniciativa. Formula-se o melhor dos votos para que não surjam dificuldades a obstar à realização do empreendimento. Aquela valiosa propriedade, acrescentar-se-ão outras já adquiridas e a adquirir em zonas dispersas pelo concelho, sobretudo nos subúrbios da cidade.

Continuar-se-á a providenciar no sentido de instalar condignamente todos os serviços camarários e, ainda, todos aqueles de carácter oficial que, mercê de imposição legislativa, cabem à administração municipal.

Proceder-se-á à pavimentação dos arruamentos da cidade e da zona rural que tal careçam, continuando uma actuação já encetada e que se pretende ampliar; à prossecução das obras de saneamento dos esgotos domésticos e pluviais em zonas novas e nas que, embora já existentes, não possuam tais requisitos; à melhoria do abastecimento de água, beneficiando a rede existente e ampliando-a, embora com subordinação ao projectado no estudo prévio de abastecimento de água ao concelho, submetido à consideração superior já na remota data de Março de 1966, e que,

apesar das diligências feitas, continua a aguardar o parecer que permita a sua aprovação e sequente execução, por fases, em virtude do vultoso custo do empreendimento; ter-se-á também presente a extensão, renovação e ampliação da rede eléctrica que abastece o concelho e que se pretende melhorar gradualmente, à medida das possibilidades financeiras e de trabalho.

Actuação a merecer o nosso melhor carinho e na continuação de uma linha de rumo encetada, será aquela que visa a cobrir eficientemente a cidade e a zona rural com uma rede de construções escolares que satisfaçam as necessidades existentes e as resultantes do notório acréscimo populacional.

Continuar-se-á a colaborar estreitamente com as juntas de Freguesia, muito particularmente com as do meio rural, prestando-lhes a necessária e imprescindível assistência técnica e financeira, a permitir satisfazer os seus mais justos anseios, dentro das possibilidades orçamentais do Município.

pio, e de acordo com a importância dos melhoramentos a concretizar, pois se reconhece as dificuldades que se deparam aos seus membros na abnegação e desinteressada missão de bem servir as suas terras.

Fomentar a localização de novas indústrias dentro da área do concelho, de molde a engrandecê-lo economicamente e socialmente, continuará a ser nosso lema, colaborando com as empresas na aquisição dos necessários terrenos para o efeito.

Será ainda nossa preocupação estimular e patrocinar todas as iniciativas de carácter cultural e desportivo que mereçam acção camarária, para além daquelas que se proporcionem a uma realização inteiramente municipal de colaboração com os respectivos órgãos consultivos.

Também estarão sempre presentes,

Continua na página três

Continua na última página

Cada cabeça... sua sentença DA BOLA E DOS LIVROS COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

LEITORES crónicos que somos de gazetas e seus correlativos, difícil seria deixarmos passar uma notícia de há um ano, agora com justificada razão feita reprise n'«A Capital». Notícia que, de resto, é daquelas capazes de fazerem levantar um morto, se atendermos ao singularismo do título que, sem mais aquelas, põe «O livro acima do ... futebol».

Nanja que nós e o morto (a diferença não será de metro...) estejamos deliberadamente contra o jogo da bola; e, muito menos, contra os seus ferverosos, como respeitáveis, apaniguados. Só que ambos (nós e o morto, outra

vez) nunca tiveram a dita (ou a desdita?) de viver num qualquer lugarejo deste jardim à beira-mar plantado, onde o gosto pelas letras e artes estivesse gloriosamente na dianteira do chuto à balisa, portanto no cimo da clássica tabela de pontos...

Continua na página três

- Que impressão lhe causa a mini-sala?
- Não acha a pergunta um pouco... cruel?!



TEATRO NECESSÁRIO e NECESSIDADE de TEATRO

JOSÉ JÚLIO FINO

«Arte, arte acima de tudo, arte nobilíssima meus caros actores, pois foi para isso que sublesteis ao mundo doloroso das tábuas do palco. Fazendo ARTE, cumpris a vossa missão perante o Público que vos adora» — F. GARCIA LORCA.

TEATRO NECESSÁRIO E NECESSIDADE DE TEATRO! Sim, todos nós sabemos como a arte de teatro é fundamental e básica em todos os

aspectos da vida do homem. Poderemos até afirmar e verificar como ela tem acompanhado a evolução do ser humano em todas as fases da sua tão longa história. Como ela tem contribuído decisivamente para alterações de toda a espécie nos diversos campos da sociologia humana.

O teatro desde sempre tem passado por metamorfoses e revoluções estruturais de toda a ordem. Quando isso sucede (como agora todos nós sabemos estar a acontecer) tudo se modifica e transforma. Surgem novas ideias e novos homens de teatro, com obras diferentes e levando para o palco outros problemas e outra vida. A cenografia, sistemas de encenação (como é óbvio) evoluí e modificam-se, aparecem novas técnicas que revolucionam a maneira de ilumi-

nar a cena e de acompanhar o actor em todas as fases da sua permanência no palco, de demarcar situações com música, etc. Nós — os do teatro! — somos obrigados, se quisermos realmente efectuar uma obra convincente, a acompanhar toda esta global movimentação que empurra o teatro para novas buscas e novas situações.

Agora vejamos: o público em geral será a isso obrigado? Está claro que não. Seria uma maneira de pensar utópica e completamente descabida. A quem caberá, portanto, a missão de o encaminhar, de o enraizar e mentalizar nesse sentido? A NÓS OS QUE NOS CONSIDERAMOS DO TEATRO!

E como fazer? Precisamente... indo buscar o TEATRO NECESSÁRIO! (Mais uma martelada na tecla mártir!). E não transportar para a cena o que NÓS achamos necessário! Quando os esforços se conjugarem e tudo estiver a rolar na mesma direcção e com a mesma velocidade, então sim, é a

Continua na página seis

Os magníficos resultados obtidos no ano transacto Impuseram o Instituto de Francês ao Justificado empenho dos avelenses. Este ano, inicia-se ali um curso de literatura e conversação, com três horas semanais e sob regência de Mademoiselle Mary Joseph Radelet, distinta professora do mesmo Instituto. A literatura será base para conversação de mais elevado nível. A secretaria do Liceu presta todos os esclarecimentos que lhe forem solicitados.

INSTITUTO DE FRANCÊS

Crónicas de Cinema

Continuações da última página

«Gringo não Perdoa»

podia, disse lá um tipo quera sargento. O Gringo, quera bestial, o mais entendido, conhecia os territórios todos, até tinha nascido, por acaso, naquele. Foi por isso que o corneteiro o encarregou duma missão terrivelmente perigosíssima: servir de guia ao capitão, ao sargento e aos cavalos, que iam a três. Eles, o capitão, o sargento e o Gringo, tinham quintrograr uma mensagem (quia atada num fio), no Forte Yuma, num sabemos se sabem. Alto! Num foi o corneteiro, coitado, quesse num sabia nadinha do que se passava, foi o coronel. O coronel é que foi. A mensagem é quera o fulcro da coisa. Mas o Gringo, (quafinal era Mac e tenente) tinha a dele ferrada. Um dia, ao entardecer, depois de muita trolha, até bateu numa ferradura num tipo quera dos bandidos, quando táva ceguinho, coitado. Mas afinal num tava nada: era tudo fita, para parolo ver. A gente é que pensava quele estava ceguinho de todo, porque um bandido que sabia uns truques dos índios apaches tinha-lhe aplicado uma tortura, o grande malandro, cu homem até ia ficando mesmo invisibilíssimo de todo. Mas a miúda, quaté era feitosa, é cu sa-fou. Depois o Gringo, quera mesmo bom, tinha apanhado chumbo e um velhote é cu salvou. Este velhote, depois mais tarde morreu. Morria muita gente. Mas antes já o Gringo tinha conhecido a miúda e tinha metido a mensagem no saco dela, que tinha tirado do cadáver do sorja ou capitão, quera mesmo traidor de todo, o facinoroso, tinha assassinado pelas costas.

Devido à transcendência e profundidade da trama, não chegámos a perceber bem porque a mensagem era assim tão importante, seles já sabiam como era, porque o coronel tinha dito quera pravisar o Forte, cus sulistas, queram oitocentos, iam atacá-lo e avisar também os sulistas cu forte tinha miliduzentos militares mais dezasseis canhões de calibre estuporado e portanto era melhor tárem quietos. E foi o aconteceu: ficaram quietos. Só um sulista, quera amigo da onça, é que deu um tiro no mensageiro caté vinha ca bandeira branca dos mensageiros.

Por imposição do argumentista, que quis dar um profundo toque trágico na mistela, o tal mensageiro, esgragadinho, era mesmo o tal velhote que tinha salvo o rapaz gringo. Mas porém todavia contudo, devido à heróicidade dos bons, não chegou a haver conflito norte-sul: os sulistas (por respeito histórico) renderam-se. E a gente foi mais descansada pra casa.

As mortes estiveram a cargo do herói gringo, que matou para cima de quatrocentosecinqüenta cadáveres. E a fita, tá claro, acabou em bem. O Gringo casou com a Connie, que deixou casar pelas tabernas do Oeste italo-franco-espanhol e aprendeu a estrelar ovos e a assar churrasco e que foi muito feliz e que teve muitos meninos. (Que diabo, ela até mercia).

POREM...

Este ar de afastamento. Encontramo-nos forçosamente no cinema. E aqui o local de encontro. Mais do que nos clubes. Ah, sim, quantos sorrisos não viajam metaforicamente nos nossos lábios chegados da rua. Aqui estão os nossos amigos, os nossos inimigos, toda a gente que vem ver cinema empacotado. Motivos, os mais diversos. E como ir ao futebol descarregar as frustrações duma semana passada num escritório em que nos toleramos mutuamente, seguindo os bons princípios cristãos.

Vimos ao cinema porque? Para extravasar todas estas forças que se chocam, até este desespero fundo que nos mina, sem sabermos bem porque, neste país de assustação horizontal.

Aqui as bocas abrem-se em conversas que estamos a «comunicar» uns aos outros, tão sociáveis, tão submissos. Ah, pois, e que me-

como quem faz uma carga de cavalaria, copiando as imagens que foram buscar a este cinema de alienação e brutalização.

Chegamos ao cúmulo de nas sessões de sábado os vermos de pistola à cinta e poses fanfarronas, tal como aprendem com este cinema. E dura isto há quanto tempo? Já não sabemos bem se será caso para desesperar, de tal modo as coisas estão... e estarão.

ARTUR FINO
JULIO HENRIQUES

«Viver para Viver»

co, não apenas indulgência mas simpatia até. E isto, longe de ser educar, é, antes, deseducar. Poucos espectadores conseguem perceber em Rob. o que ele é na verdade — um homem que preferiu escolher uma vida fácil, vida vazia, vida em que se mente e se omite.

2 — C. L. intercala no seu filme vários documentários cinematográficos referentes a crises sociais e políticas, actuais ou passadas, de países diversos. A China de Mao-Tsé-Tung, a Alemanha de Hitler, a emancipação da África negra, a guerra do Vietnam. Mas tais documentários resultam deslocados e estranhos ao contexto geral da acção do filme. Embora a história se relacione brevemente, em uma ou outra passagem, com as crises que referimos (na medida em que Rob., como repórter, realizou reportagens e documentários acerca de tais acontecimentos), a extensão com que os documentários figuram no filme não é fácil de justificar. Em boa verdade, aqueles acontecimentos mundiais não influenciam absolutamente em nada o desenrolar da história do filme, o comportamento das personagens. No fundo, dentro da história do filme, a guerra do Vietnam, a revolução chinesa, a África, Hitler, nada têm que ver com Robert, Catherine, ou Candice; nem estes têm nada que ver com aqueles. Se C. L. pretendeu apenas ilustrar em maior exten-

co, não apenas indulgência mas simpatia até. E isto, longe de ser educar, é, antes, deseducar. Poucos espectadores conseguem perceber em Rob. o que ele é na verdade — um homem que preferiu escolher uma vida fácil, vida vazia, vida em que se mente e se omite.

3 — C. L. intercala no seu filme vários documentários cinematográficos referentes a crises sociais e políticas, actuais ou passadas, de países diversos. A China de Mao-Tsé-Tung, a Alemanha de Hitler, a emancipação da África negra, a guerra do Vietnam. Mas tais documentários resultam deslocados e estranhos ao contexto geral da acção do filme. Embora a história se relacione brevemente, em uma ou outra passagem, com as crises que referimos (na medida em que Rob., como repórter, realizou reportagens e documentários acerca de tais acontecimentos), a extensão com que os documentários figuram no filme não é fácil de justificar. Em boa verdade, aqueles acontecimentos mundiais não influenciam absolutamente em nada o desenrolar da história do filme, o comportamento das personagens. No fundo, dentro da história do filme, a guerra do Vietnam, a revolução chinesa, a África, Hitler, nada têm que ver com Robert, Catherine, ou Candice; nem estes têm nada que ver com aqueles. Se C. L. pretendeu apenas ilustrar em maior exten-

co, não apenas indulgência mas simpatia até. E isto, longe de ser educar, é, antes, deseducar. Poucos espectadores conseguem perceber em Rob. o que ele é na verdade — um homem que preferiu escolher uma vida fácil, vida vazia, vida em que se mente e se omite.

OMEGA

SPEEDMASTER
3.850\$00

SEAMASTER 300
3.300\$00

SEAMASTER
De aço — 3.000\$00

AGÊNCIA OFICIAL
Ourivesaria Matias & Irmão
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429
Aveiro

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro
pratas de estilo e relógios. OMEGA

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica permanente em 163 países, e sempre com peças de origem.

A legendaria precisão OMEGA ao serviço de todos os desportos. Três relógios modernos em que àquela precisão se juntam a robustez e a longa duração.

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro
pratas de estilo e relógios. OMEGA

AVEIRO

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica permanente em 163 países, e sempre com peças de origem.

TELEFONE
23848

TEATRO AVEIRENSE

APRESENTA

Sábado, 12 — às 21.30 horas

(12 anos)

O «Solitário» passa ao ataque

com Roger Hanin, Jean Lefebvre, Sophie Agacinsk, Milo Quesada, Charles Millot e algumas garotas de fazerem fechar o comércio

TECNISCOPE — EASTMANCOLOR

Domingo, 13 — às 15.30 e 21.30 horas

(12 anos)

O PERSEGUIDO

Realização de CALVIM J. Padget — Eastmancolor-Totolscope

Terça-feira, 15 — às 21.30 horas

(12 anos)

Uma Leoa Chamada Elsa

com Virginia McKenna e Bill Travers

Quarta-feira, 16 — às 21.30 horas

(17 anos)

CONTOS SUECOS

com Hans Alfredson, Monica Zetterlund e Birgitta Andersson

são a profissão de Rob., a verdade é que o fez com minúcia e demora inúteis. Se pretendeu que o seu filme fosse ao mesmo tempo um filme de enredo e um documentário de acontecimentos mundiais, não se percebe por que razão foi colocar lado a lado personagens e acontecimentos tão indiferentes uns aos outros. C. L. terá tido, enfim, a intenção de conseguir uma pretensa valorização do seu filme, de lhe dar um cunho de actualidade, de presença? Poderá ser. Mas isso, não pelo processo que usou. Processo que se torna até, de certa maneira, desonesto, na medida em que, a um espectador menos esclarecido, não proporciona uma informação profunda nem verdadeira acerca das crises

referidas. Bem no fundo, existe na verdade uma relação entre as personagens de C. L. e a opressão do homem pelo homem documentada, de certa forma, nas reportagens apresentadas: é que uma vida de superficialidade e egoísmo, de omissão e não participação (como a das personagens de C. L.) é, em parte e num certo sentido, a permissão indiferente e o sustentáculo de opressões do homem pelo homem, por esse Mundo fora. Mas, tanto quanto apreciámos, o filme não sugere facilmente esta verdade. (Nem terá sido intenção de C. L. sugerir-la, sequer).

3 — C. L. filma de uma maneira desenhada e interessante as cenas de movimento e acção (v. g., a cena do safari em África). Sobressai também a maneira como ele utiliza grandes planos com os rostos das personagens. No entanto, repare-se: o que acontece muitas vezes é que nos são mostrados apenas rostos, apenas expressões — um sorriso, uma cara bonita, um rosto preocupado. Nada mais. Nada mais, para além disto. A maior parte das vezes, os rostos que Lelouche nos mostra não falam, não são eloquentes — duma eloquência que dispensa e substitui as palavras das personagens, e que vem enriquecer, acrescentar, tornar mais compreendido o desenvolver dos problemas e o desenrolar da acção. Os grandes planos de Lelouche mostram-nos caras apenas, a maior parte das vezes. Seja um exemplo: Robert despede-se da rapariga que veio trazer a casa, de carro; ele está sentado ao volante, e ela à porta de casa, prestes a entrar; aí temos nós um grande plano com a cara de Rob, sentado ao volante, um ar desenhado, um leve sorriso; Rob, faz roncá-lo o motor, prestes a abalar; um último aceno com a mão à rapariga na porta, uma aceleradela a fundo, e ele aí vai, o carro arranca com grande barulho do escape. Tudo isto é talvez moderno e desenhado — mas é também fútil, é também mudo (quando não mentiroso).

4 — E é assim «Vivre pour Vivre»: viver para omitir, viver para nada. Não «Viver para Viver» ou «viver por viver». A não ser que viver seja omitir, seja nada. Mas não é.

LUIS LIMA RAMOS

Francês e Inglês

Por diplomada em Lausanne (Études Françaises) e Cambridge (Proficiency), com prática de ensino em colégio na Inglaterra. Telefone 27029.

Armazém — Aluga-se

— no Canal de S. Roque, ao n.º 11; área coberta de 120 m²; boas condições sanitárias e entrada com 3,5 metros.

Tratar na Rua do Carmo, n.º 59, ou pelo telef. n.º 23328, em Aveiro.

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

Mas vamos à notícia — que se não é do Entroncamento até parece. Sem alteração de uma vírgula, reza ela, pura e simplesmente, assim: «Em Barreiros, cidade do Estado de Pernambuco, o futebol foi vencido pela leitura — o livro suplantou a bola. A bibliotecária local, depois de frequentar um curso especializado do Instituto Nacional do Livro, revolucionou a sua pequena cidade, interessando as autoridades e o público em geral na sua iniciativa de divulgar o gosto pela leitura. O resultado é que aos domingos a frequência das bibliotecas (assim mesmo: no plural, e numa pequena cidade pernambucana! — isto é nosso) é maior do que a do futebol. O Instituto Nacional do Livro do Brasil, fundado em 1937, distribuiu até agora 1 555 066 volumes (repare-se! — achamos poucos) pelas bibliotecas do país, beneficiando 6 110 bibliotecas públicas e 771 privadas».

Para evitar ilacções precipitadas, podemos acrescentar de imediato que o êxito da empreitada não se ficou devendo, não senhor!, ao facto de a bibliotecária ter a seu favor a circunstância de ser um daqueles fenomenais «brotinhos de Copacabana», tão do agrado dos leitores do «Cruzeiro». A coisa aconteceu mesmo, «ao natural», sem batota ou faca na liga... Como também sem batota, ou cartas na manga, formulámos nós, cá nos sítios, a pergunta seguinte:

— FREQUENTA A BIBLIOTECA LOCAL, VAI AO FUTEBOL, PORQUÊ?

UM ADVOGADO

Passado que foi o período académico em que assiduamente frequentava a Biblioteca Nacional de Lisboa e a da Faculdade, não mais frequentei bibliotecas em qualquer das localidades onde residí. E porquê?... Primeiramente porque o tempo não me chega, sequer, para ler os livros alinhados em frente da minha mesa de trabalho e que, por os ter comprado ou me terem sido oferecidos e pelo seu próprio valor como elementos válidos de cultura, mereceriam a atenção que lhes tenho negado. Mas a principal razão está no facto de, hoje, eu entender que uma biblioteca só exercerá a sua verdadeira função se transcender a de mero armazém de livros. A Biblioteca morta e só actuante na medida em que fornece elementos de estudo ou de lazer, individualmente procurados, não me interessa talvez por dispor de livros que consumiriam a totalidade do meu tempo livre. O que eu queria era vê-la, viva, a servir de ambiente para leituras em conjunto que permitissem a abertura de debates livres sobre o assunto escolhido para a leitura, debates esses dirigidos por alguém que assumisse, no momento, a direcção da troca de impressões e apreensão positiva dos ensinamentos resultantes. Então sim, sacrificaria de boa vontade a parte do tempo que sobejasse das obrigações, em prol da colaboração actuante no todo de que sou parte.

Poderá parecer contraditório o que vou responder à segunda parte da pergunta. Sem-

pre que posso, frequento o futebol. Gosto do espectáculo e vibro com ele. A beleza da movimentação dos atletas em busca de uma bola que logo repelem em criação de movimentos dirigidos para uma meta, e, sobretudo o espectáculo humano do deflagrar das paixões a que nem sempre consigo manter-me alheio, tudo isso me atrai e me prende, e, — por que não dizê-lo? — me serve para, durante aquele período, esquecer problemas.

Já se chamou à religião o ópio dos povos. Hoje, talvez o desporto, perdão, o futebol, pudesse receber o epíteto. Não é por acaso que o futebol tem sido usado como operação de despiste para as atenções da multidão. Quem sabe se, para além daquelas primeiras razões positivas de adesão, eu vou ao futebol por não ter força para resistir às solicitações negativas do engodo da operação, isto, evidentemente, sem prejuízo da beleza real que encontro na prática desportiva ou no simples espectáculo dela emergente, mesmo quando profissionalizada!...

UM JORNALISTA
PROFISSIONAL

Não, de facto não frequento a Biblioteca Municipal. E vou ao futebol. A explicação talvez esteja numa ideia simplista em demasia: o futebol é uma coisa «viva», a biblioteca municipal é uma coisa morta.

Conheces-me o bastante para saberes que dou muito mais importância às bibliotecas do que ao jogo da bola. O que não quer dizer que renegue este último, sobretudo como fenómeno social. Simplesmente, as duas tentativas que fiz, há já um bom par de anos, para frequentar a biblioteca foram desastrosas. E foi numa idade — a minha — em que tais fracassos não perdoam. Andava — como continuo a andar — à procura de coisas vivas, humanas, atraentes. A biblioteca Municipal encontra-se a quilómetros de tudo isso. O tempo que me preocupava — e preocupa — é o nosso tempo essencialmente. E do nosso tempo é que a Biblioteca pública da Câmara Municipal não é. Não pretendo negar que tenha obras de valor, mas para literatos ou estudiosos que lá tenham de ir com um fim específico. Nunca para a grande massa de possíveis leitores que, por deficiências de — orçamento, tivessem de socorrer-se daquele veículo de cultura. Aquele velho casarão, organizado em moldes em tanto dormentes e arcaicos, não atrai ninguém. Por outro lado, a Biblioteca Municipal está longe de ser um veículo «democrático» de cultura: funciona a horas de trabalho, quando aqueles que mais necessita-

riam dela não a podem frequentar. Finalmente, a biblioteca é uma autêntica falência no que respeita a obras e autores de há uns bons quarenta anos para cá. Estas as razões porque só lá entrei duas vezes, quando tinha dezasseis anos.

Nessa altura já ia ao futebol, como ia ver praticar outras modalidades desportivas. Não é que concorde com a actual organização do futebol, longe disso. Contudo, trata-se de um fenómeno social de que não é possível alhear-mo-nos. Dizer que gosto de futebol, ou de desporto, não merecerá grandes explicações. Cada um possui a sua medida própria para aferir essas coisas. Frequento os espectáculos desportivos por isso mesmo: porque gosto. E também por imposição profissional, diga-se de passagem. Mas, também porque ali procuro uma interpretação humana e social do homem do nosso tempo. Porque não o posso desligar de um todo sócio-económico-político a que a organização desportiva, de um lado, e do espectáculo profissional futebolístico, do outro, estão ligados. Procuro, em sumula... muito resumida, a explicação para um fenómeno que há vários anos me feriu a sensibilidade: assisti ao espantoso silêncio de uma multidão de setenta mil pessoas que abandonavam tristemente um estádio onde durante hora e meia ocorreram as peripécias mais animadas. Nesta espécie de logro reside a maior parte do meu interesse. Porque, na minha concepção pessoal, no desporto verdadeiro e desinteressado não há lugar para tristezas e logros, como acontece todos os domingos em todos os campos do País. Quanto a bibliotecas, coisa sem dúvida muito mais importante, vou procurando o muito que preciso ou por conta própria, ou na biblioteca dos amigos. Ou onde haja o que procuro. Oxalá que a chamada Comissão Municipal de Cultura pense nisto. Já não é sem tempo.

UM FUNCIONÁRIO
PÚBLICO (JOVEM)

O que se impunha a um mangá de alpaca como eu, por razões económicas, era ser um frequentador assíduo duma biblioteca pública, neste caso a de Aveiro. Porém, as duas visitas que fiz à Biblioteca Municipal desiludiram-me: mau ambiente de estudo, os livros (muitos) única e simplesmente empilhados como velhos papéis, a inexistência de livros e revistas actuais que possibilitem uma cultura e uma informação adequadas, tudo isto são factores a pesar na recusa obstinada de lá tornar. E é pena. No meu caso pessoal, como no de muitas pessoas como eu, adquirir livros necessários a uma preparação cultural mais ou menos sólida torna-se difícil. Explico: compare-se o preço médio dum bom livro e saiba-se o ordenado de um funcionário públi-

ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

rente neste reino, dando por fiador a António Martins de Abreu, morador no lugar do Pinheiro. E continuando o mesmo Oficial a apregoar que vinte mil réis lhe davam de renda pela dita barca de passagem, pelo tempo que decorre desde o dia de San Miguel do corrente ano, e há-de findar em igual dia do de mil oitocentos e sessenta e cinco, deu sua fé de não haver quem cobriasse este lanço, em vista do que mandou ele Presidente e mais vereadores que se afrontasse três vezes, findas as quais não havendo quem mais desse se entregasse o ramo, ao que o dito Oficial cumpriu, dizendo se havia quem desse mais de vinte mil réis em metal sonante corrente neste reino pela dita renda, que se ia a entregar, e que afronta fazia porque mais não achava, se mais achava mais tomara; que lhe dava uma, duas, três, e a mais pequenina, e afrontou, arrematou, e entregou o ramo ao dito arrematante, com a condição do produto desta arrematação ser feito em dois pagamentos, um à Câmara desta cidade, e outro à do Concelho de Albergaria, no fim de cada seis meses, e a ter três barcas quando forem precisas para a passagem. Ao que ele arrematante se obrigou por sua pessoa e bens presentes e futuros; e sendo presente o dito fiador, António Martins de Abreu, disse que de sua livre e espontânea vontade ficava por fiador e principal pagador do referido arrematante como se ele fosse o próprio que tivesse arrematado esta renda. E a tudo se obrigou a cumprir por sua pessoa e bens, de que se lavrou este auto, etc., etc., etc.

co! No entanto, espero pela mudança de instalações da biblioteca e daqui faço força para que não mude apenas de vestimenta. Quanto ao futebol: não estou nada interessado em me «distrair» com aquilo que (alguém já o disse) deixou de ser um desporto para se tornar em espectáculo. E num mau espectáculo!...

UM INDUSTRIAL
DE MARCENARIA

Não, não tenho lido a secção do LITORAL, mas posso responder, por que não? Actualmente, não frequento a biblioteca. Já lá vai tempo... Ai há uns trinta anos, sim. Eu e mais rapaziada fomos lá frequentes vezes para ler uns romancitos... dos antigos. Depois meti-me nos selos; sou um apaixonado da filatelia. E é por causa dos selos, não dos livros, que, às vezes, vou à biblioteca, para trocar impressões com o funcionário que, normalmente, lá está, à noite. Reparo então que a frequência é, por assim dizer, nula: não mais de um ou dois leitores. O funcionário para ali está, quase a dormir, por falta de «clientela»... Mas pode ser que as coisas mudem agora, com a transferência da livraria para o edifício novo...

Ao futebol deixei de ir quando o Beira-Mar baixou de divisão... E também porque assisti a um arrabalde pancadaria que deram, no campo, a um rapazioto inocente e que, por sinal, até ia a sair de mãos nos bolsos; a fugir, como eu, duma carga de pancada. Livrei-me por um fio... Fica-te para nunca mais!... Quer dizer, às vezes ainda lá vou, mas só para matar saudades da bola. E é tudo...

PINTO DA COSTA

Actividade Municipal

Continuação da primeira página

a merecerem particular deveso, as funções assistenciais que caberão ao Município, por imperativo da lei e pela intenção que nos anima.

Promover, estimular e auxiliar todas as organizações que criem motivo de atracção aos munícipes da cidade e da zona rural, bem como a visitantes, será sempre cuidadoso objectivo da Câmara.

Continuar-se-á a diligenciar no sentido de virem a ser realidade velhas aspirações que, embora não sendo exclusivamente de interesse municipal, nem por isso deixarão de ter o seu reflexo na valorização do meio, pois a cidade de Aveiro domina uma vasta região de real valia económica-social e com características muito próprias, muito particularmente no tocante a potencialidades turísticas invulgaras a requererem mais atenção do que aquelas com que tem sido distinguindo, apesar do reconhecimento geral. Assim, pugnar-se-á pela construção de uma estrada que venha a ligar Aveiro à Murtosa e pela realização de uma obra transcendente, como será a construção de uma ponte que venha a ligar as duas margens da Ria, sobre o canal de S. Jacinto, necessidades estas que hão-de ser realidade quando as responsáveis se aperceberem da sua valia e para as quais o tempo há-de permitir que se venham a realizar as indispensáveis condições financeiras.

Não se desistirá, finalmente, de diligenciar no sentido de ser adquirida pelo Município a vasta área abrangida pela zona florestal de S. Jacinto, a proporcionar, num futuro que há-de ser próximo, um adequado aproveitamento urbano-turístico a valorizar sobremaneira uma área do concelho, de que muito ainda há a esperar, pois reúne condições muito próprias para um racional desenvolvimento, a explorar as suas vastas possibilidades como estância de veraneio e turismo.

Carros usados

Merc. Benz 220 S	1957
Merc. Benz 190 SL	1959
Mercedes Benz 190Dc	1962
Merc. Benz 180	1958
Opel Kapitán	1960
Opel Olímpia	1961-1962
Lância Fulvia	1963
Cortina	1963
Taurus 12 M	1964
Citroen Ami	1962
Renault Dauphine	1958
Austin J-2 (furgon)	1965
M. Benz L338 (camion)	1961
Revistos. Facilidades de Pagamento	
A. C. Ria, L. ^{da}	
Tel. 24041/4 AVEIRO	

Empregado/a

Para escritório de indústria nos arredores de Aveiro, com conhecimentos referentes ao movimento do Imposto de Transacções.

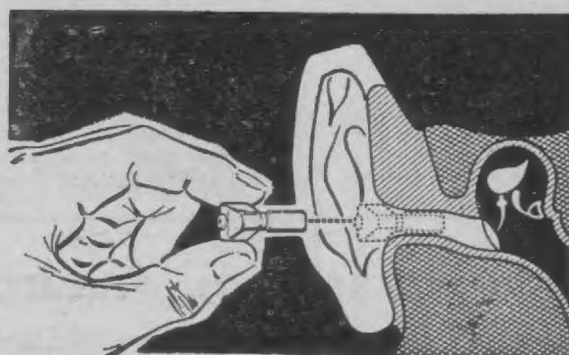
Guarda-se sigilo estando empregado.

Dirigir carta a este Jornal a R. P.

ATENÇÃO SURDOS DE AVEIRO

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na FARMÁCIA AVENIDA — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 296 — AVEIRO — na próxima 5.ª feira, dia 17 de Outubro, das 15.30 às 19 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva, para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos — Modelos para usar atrás da orelha — Modelos de bolso — Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares.



CASA SONOTONE

PRAÇA DA BATALHA, 92-1º — PORTO — Tel: 55602
POÇO DO BORRATÉM, 33 s/1 — LISBOA — 2 — Tel: 868352

SERVIÇO DE FARMÁCIAS	
Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
2.ª feira	OUINOT
3.ª feira	NETO
4.ª feira	MOURA
5.ª feira	CENTRAL
6.ª feira	MODERNA
Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte	

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi autorizada superiormente a alienação, à Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, dos terrenos necessários à construção do seu edifício sede, na Rua de Dr. Alberto Souto, desta cidade.

● A Câmara tomou conhecimento do despacho ministerial respeitante à construção da ponte da Dobadoura e da que ligará o Rossio à Rua do Clube dos Galitos.

● Val ser aberto concurso para provimento de um lugar de Arquitecto de 2.ª classe, dos Serviços Especiais da Câmara, pelo prazo de 20 dias, a contar da data da publicação do respectivo aviso no Diário do Governo.

● Foram apreciados 12 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 8 deferimentos, 2 indeferimentos e 2 informações.

REUNIÃO ADMINISTRATIVA

No dia 15 do corrente, pelas 11 horas, no edifício da Câmara Municipal do concelho de Ilhavo, realizou-se a 30.ª reunião dos Presidentes da Junta Distrital e das Câmaras Municipais, promovida pelo Governador Civil do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, na qual, como habitualmente, serão tratados diversos assuntos da administração local e outros de interesse para o distrito.

TRANSCRIÇÕES

● **República**, na sua secção «Bastidores», dirigida pelo distinto ensaísta Vasco Granja, começou a transcrever, em 25 do mês transacto, o estudo do nosso prezado colaborador Pinto da Costa sobre «Bonnie e Clyde», recentemente dado à estampa na secção «Mesa Redonda» do *Litoral*.

● O mesmo conceituado diário vespertino, em 9 do corrente, transcreveu parte do editorial «Esperança chamada Marcellos», que veio a lume no *Litoral* da última semana.

Gratos pela deferência.

«I SEMANA WOOLMARK»

Com assinalável êxito, realizaram-se nesta cidade as anunciadas cerimónias integradas na «I Semana Woolmark», de que daremos o merecido relato no próximo número deste jornal.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Vão iniciar-se na segunda-feira, dia 14, as aulas deste estabelecimento de ensino, tendo sido afixadas as pautas e os horários das suas várias turmas, masculinas e femininas.

As oito primeiras turmas de

Armazéns ou Oficinas

Dois, local central. Área: 90 m² cada. Arrendam-se. Rua de S. Roque, 13-1.º D., em Aveiro.

PEÇAS DE ORIGEM

AGENCIA COMERCIAL **RIA** L.

AVEIRO

Telefones: 24041/4



rapazes, instaladas no edifício-sede do Liceu, terão aulas a partir das 8.30 horas; as restantes cinco turmas masculinas iniciam os respectivos trabalhos às 13.30 horas, no mesmo edifício. As turmas femininas (em número de catorze) terão aulas no edifício da Secção Feminina do Liceu a partir das 13.30 horas.

Para a Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro encontram-se já nomeados os seguintes professores: Dr.ª Célia Simões de Matos, Directora de Ciclo para a Secção Feminina; Dr. Hermínio José Macedo Pitta, do I Grupo; Dr.ª Cecília Marques Mala, do II Grupo; Dr.ª Carminda Martins de Almeida e Fernando da Silva Ferreira Pinto, do IV Grupo; e Eduardo Joaquim Caldeira Parra, de Trabalhos Manuais.

NOTA INFORMATIVA

Com esta epígrafe e com o pedido de publicação, recebemos, em 2 desta mês, do Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Officinas Correlativas do Distrito de Aveiro, o texto seguinte:

Acerca do comentário «Uma evocação uma sugestão» de autoria do senhor Guilherme O. Santos, publicado no n.º 718, de 16 de Agosto passado, do *LITORAL*, entendo o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Officinas Correlativas do Distrito de Aveiro por conveniente prestar a informação seguinte:

1.º—Só em 1933, através do Decreto-Lei 23 950, de 23 de Setembro, foram estabelecidas as bases da actual organização corporativa;

2.º—Em 1938 foi criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Officinas Correlativas do Distrito do Porto, que abrangia desde logo os profissionais do distrito de Aveiro;

3.º—Em 1943, por despacho de 22 de Fevereiro, foi criada a Secção Distrital de Aveiro do Sindicato dos Tipógrafos do Porto, abrangendo os tipógrafos, litógrafos, fotógrafos, etc.;

4.º—Em 1958, por alvará de 4 de

FRANCISCO DA SILVA ROCHA

Continuação da última página

a pessoa indicada para lembrar, principalmente aos jovens quem foi a ilustre figura de português e avelrense que tanto prestigiou o nosso País e a terra que lhe serviu de berço. Não faltará, na cidade de Aveiro, quem o possa fazer melhor do que eu. Abundam, no distrito, notáveis figuras das Artes e das Letras que com ele privaram ou o conheceram de perto, que podem falar, com simpatia e justiça, de Silva Rocha, nomes bem conhecidos pelo demonstrado amor à terra natal, notabilizando-a com o fulgor invulgar as suas penas.

Falei de Francisco da Silva Rocha; e, se alguns elementos faltarem, peçam à sua extremosa filha, a Es.^{ma}



Agosto, é criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Officinas Correlativas do Distrito de Aveiro, que passou a integrar os cartoneiros do distrito, condição base para passar a Sindicato autónomo. Sem esta integração ainda hoje seria o Sindicato do Porto a defender os interesses dos tipógrafos neste distrito, através da sua secção.

Feito este breve comentário, cumpre acrescentar que, e antes de 1938, não conhecemos a existência legal de qualquer outro organismo que detivesse a representação verdadeira dos tipógrafos, sem prejuízo do não se porem em dúvida os esforços de um ou outro elemento mais interessado da profissão no sentido de se constituir um organismo representativo, antes dessa data.

Consequentemente, e ao comemorar um aniversário, só o poderíamos fazer à Secção como primeira forma de organização sindical com vida neste distrito ou ao próprio Sindicato, como aliás o fizemos sem esquecer aquela, dado que só com a criação do Sindicato como organismo autónomo se garantiu o direito de representação.

E daí que uma simples palavra, para male ou para menos, possa produzir efeitos inerentes que por vagos passem despercebidos.

Isto não obsta porém a que, e se avisados a tempo, tivéssemos tido o prazer de associar ao aniversário da criação do Sindicato qualquer outro relacionamento com a organização da profissão e que, pelo seu sentido, fosse de consideração a bem dos mesmos num campo nacional.

No entanto, na missa mandada rezar nessa dia, e a que todos os interessados seria dado assistir, englobámos nas intenções da mesma todos os sócios da organização sindical do distrito já falecidos.

Acerca dos emblemas que se entender por bem fazer distribuir como elemento comemorativo, esclarece-se que: 1.º—se destinavam os mesmos, no tocante a sócios, apenas aos presentes, e no tocante a ex-dirigentes, aos membros dos primeiros corpos gerentes da Secção, fosse qual fosse a sua actual profissão ou actividade;

2.º—de circunstância de não poderem ter sido então distribuídos, em virtude de um lapso da casa fornecedora e que obrigou à sua devolução, foi dado oportuno conhe-

cimento a quem de direito, ou seja, exclusivamente à quem os prometeramos, que bem o compreenderam e que aliás foram já distribuídos.

Quando aos actuais corpos gerentes deste Sindicato, cumpre esclarecer que a sua posição resulta de eleição em Assembleia Geral dos sócios do Organismo, que é quem entende se devemos ou não ser reeleitos.

Dado que a recolha de alguns elementos se tornou morosa, só agora é possível dar este esclarecimento.

A DIRECÇÃO

JURAMENTO DE BANDEIRA NA BASE DE S. JACINTO

Em S. Jacinto, na Base Aérea n.º 7, realizou-se, no passado dia 3, a cerimónia do Juramento de Bandeira de trinta alunos do Curso P-2-68 (sargentos-pilotos-aviadores milicianos).

Presidiu o Director do Serviço de Instrução da Força Aérea, sr. Brigadeiro Ivo Ferreira, tendo assistido o Comandante da Base de S. Jacinto, sr. Tenente-Coronel José Ferreira Valente e outros oficiais.

Proferiu uma alocução o sr. Alferes-piloto-aviador Nelson Rodrigues Rocha, tendo lido a fórmula do juramento o sr. Tenente-Coronel Viriato Jorge Marques, 2.º Comandante da Base Aérea n.º 7.

Festas de Homenagem

— AO ENG.º NÓBREGA CAMELAS

Na segunda-feira, o Rotary Clube de Aveiro realizou a sua habitual reunião, realizada no Restaurante Galo de Ouro, a um ilustre associado e dirigente, em véspera genéricas—o sr. Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas, que em breve sairá de Aveiro para ir ocupar o cargo de Director de Urbanização do Distrito de Leiria.

Ao longo dos treze anos da sua permanência nesta cidade, o sr. Eng.º Nóbrega Canelas prestou relevantes serviços, na Repartição Técnica da Câmara Municipal e, ultimamente, como Adjunto do Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Aveiro.

A reunião teve a presença de muitas senhoras, de rotários de outros clubes e de alguns convidados, entre eles o sr. Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, Director da Urbanização de Aveiro e sua esposa. Presidiu o sr. António Leite Pais, que, depois de convidar o sr. Eng.º Nóbrega Canelas para a saudação à Bandeira Nacional, proferiu algumas palavras em que abordou assuntos de interesse rotário.

Em seguida, os srs. Arnaldo Estrela Santos, Eduardo Cerqueira e Eng.º Cunha Amaral falaram sobre o homenageado, relevando as qualidades morais e profissionais que o exornam, e afirmando que o Eng.º Nóbrega Canelas deixará em Aveiro uma lacuna difícil de preencher—tanto pela sua competência, como pela sua vasta cultura, pelas suas qualidades de simpatia humana e pelo seu carácter.

O homenageado, com muito brilho e com emoção que não conseguiu esconder, agradeceu, depois, o preito de despedida dos rotários avelrenses. Recordou a sua permanência nesta cidade, nos vários cargos onde proficilmente exerceu a sua actividade, e afirmou ter construído em Aveiro muitas e indestritíveis amizades, que saudosamente sempre recordará.

Por último, encerrou a reunião o Presidente do Rotary Clube de Aveiro.

— AO TENENTE JOAQUIM DUARTE

Em nova comissão de serviço, segue hoje para a Província de Angola o Tenente Joaquim Nunes Duarte, prestigioso nome ligado ao Desporto Avelrense (quer como atleta de futebol, basquetebol e andebol, quer como abalizado técnico destas últimas modalidades).

Cândido Teles

Continuação da última página

SALÃO MILITAR DE CADIS (o pintor é Tenente-Coronel do Estado Maior do Exército Português), réplica, aliás, de igual distinção no mesmo certame de 1967.

Um abraço de felicitações a Cândido Teles.

RECAPTURA DUM PRESO

A pedido da Prisão-Escola de Leiria, a P. S. P. de Aveiro conseguiu recapturar, no Caíão (Esgueira), Fernando Lourenço Dias, de 20 anos, que se evadira daquele estabelecimento prisional, onde cumpria pena aplicada pelo Tribunal de Anadia, no dia 23 de Setembro findo.

Operário — Ofereca - se

—para limpeza de móveis em casas particulares; serviços rápidos e em conta.

Tratar com Leonardo Bastos Ribeiro, na Quinta do Picado—Costa do Valado.

des) e colaborador muito dedicado do *Litoral*.

Assinalando a saída para o Ultramar do Tenente Joaquim Duarte, e por iniciativa do Sanghalhos Desporto Clube, realizou-se anteriormente, num restaurante da Malaposta, um jantar de homenagem, que reuniu a presença de destacados desportistas bailladinos e de amigos pessoais do proletoado.

No momento dos brindes—em que justamente se evidenciaram as qualidades do Tenente Joaquim Duarte e os relevantes serviços prestados ao Sanghalhos e em que, igualmente, se focaram problemas de muito interesse para o futuro da prestigiosa colectividade—, usaram da palavra os srs.: Manuel Mendes, Nelson Neves, Manuel Rodrigues da Silva, Fernando Miranda e Dr. António Costa, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal, Vice-Presidente Administrativo, Vice-Presidente das Actividades Desportivas e médico do Sanghalhos; António Pinto, Fernando Gradeço (Presidente da Associação de Ciclismo de Aveiro), Nuno Pena, António Augusto Moreira Seabra e Sídónio Sousa; e os jornalistas João Sarabando, Daniel Rodrigues e o director da Secção Desportiva do *Litoral*.

Em nome do Sanghalhos, o sr. Feliciano Godinho Neves ofereceu uma lembrança ao Tenente Joaquim Duarte, que pronunciou sentidas palavras de agradecimento.

BOSCH
OFICINA ESPECIALIZADA

ELECTROBEIRNUTO, L.º

Telefones 24657 — AVEIRO

ELECTRICIDADE EM AUTOMÓVEIS, BATERIAS, ETC.

COM OFICINAS NA

Rua do Senhor dos Aflitos, 22 a 22-B (Ao lado da Firestone)

BOSCH
OFICINA ESPECIALIZADA

ELECTROBEIRNUTO, L.º

Telefones 24657 — AVEIRO

ELECTRICIDADE EM AUTOMÓVEIS, BATERIAS, ETC.

COM OFICINAS NA

Rua do Senhor dos Aflitos, 22 a 22-B (Ao lado da Firestone)

Rapaz
— com 14/15 anos.
Falar na Casa do Café,
Rua do Gravito—Aveiro.

ROCÉRIO LEITÃO
MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças do coração

Consultas às segundas, quarta e sextas-feiras às 16 horas (com hora marcada).

Cons.: — Avenida Dr. Lourenço Polónia, 83-1.º E—Telef. 24780

Res. — Rua Jaime Moniz, 18—Telef. 22677

AVEIRO

ONTEM & hoje

EM TALVEZ AMANHÃ—

VIR SABER O QUE É...

ONTEM & hoje

Litoral

ANO XV

Continuação da primeira página

Martim Pares

Solista do

Travessa

regalção

BAUER

ING.º GUADALL

PORTO—Rua 137

LISSOIA-1—Rua Manuel, 29-A

colha mais gastando

ING.º GUADALL

PORTO—Rua 137

LISSOIA-1—Rua Manuel, 29-A

Emprego

Opção

Com a Escola Técnica, lugar compatível.

Resposta esta Recação, ao

M.ª Luísa Leito

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

M.ª Luísa Leito

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

M.ª Luísa Leito

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

Recuperação de

Consultas e consultas

J. Cão Vaz

Médico

DOENÇAS

Assento do

Consultas e

Consultas e

Consultas e

Consultas e

laram uma cândida ignorância sobre este inferno dos períodos provincianos; e cada uma os queria céus ao peculiar sabor... da sua gula...

O *Litoral* entra, com o presente número, no décimo quinto ano de existência; e, durante os seus quase três lustros de vida, tem consentido em servir os mais variados pratos ao gosto dos mais variados gostos; e isto (o que muitos—santamente ou... avelhacadamente—fingem ignorar) no infernal condicionismo de inevitáveis racionalismos, mas sempre deixando as pimentas e coloraus às preferências dos colaboradores: cozinha aberta, em suma, a todos e para todos—onde até têm sido confeccionadas burundangas e indigestas caldanas... E assim tem cumprido os seus liminares e inalterados propósitos. Tem cumprido... como pode e sabe; e porque pouco sabe e pode muito pouco, o *Litoral* apenas prosseguirá na esperança de maiores possibilidades e na expectativa duma sabedoria... de experiência feita.

NOVOS ARRASTÕES

● Nos Estaleiros S. Jacinto, foi recentemente concluído o arrastão costeiro de pesca pela popa «Ria-Mars», ali mandado construir pelas «Pescarias Beira-Litoral, S. A. R. L.», desta cidade.

Na cerimónia do botabauzo da nova unidade, que importou em sete mil contos e está equipada com os mais modernos instrumentos de navegação e apetrechos de pesca, estiveram presentes os srs. Comandante Branco Lopes e Oscar Lopes de Oliveira, da empresa armadora, e Henrique Mouteira e João dos Santos, representando a firma construtora.

● Nas carreiras dos Estaleiros S. Jacinto, vai começar a construir-se um arrastão para a pesca do bacalhau. A este barco será dado o nome de «Inácio Colimbras».

Oliveira & Irmão, L.da

Serventes-Precisam-se

Idade máxima até 30 anos e com o serviço militar cumprido.

Oliveira & Irmão, L.da

Rua Hintze Ribeiro, 61-1.º

AVEIRO

NOVO TEMPLO

Está praticamente concluída a nova igreja da paróquia de Fátima, que compreende os vizinhos lugares de Mamodeiro e da Póvoa do Valado.

O projecto, da autoria do Arquitecto Luís Cunha, do Porto, apresenta, na sua traça, aspectos inéditos na moderna arquitectura religiosa, facto que justifica a considerável afluência de artistas e curiosos até junto da interessantíssima edificação.

A igreja será benzida amanhã, domingo, pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro. As cerimónias iniciam-se às 4 horas da tarde.

FALECERAM :

JOÃO DE MORAIS GAMELAS

Com 83 anos de idade, faleceu, nesta sua terra de Aveiro, o sr. João de Moraes Gameles, que, durante muito tempo, desempenhou zelosamente funções de contínuo no Liceu.

Sucessivas gerações de estudantes habituaram-se a reconhecer-lhe, através da sua alicante e natural simpatia, uma alma profundamente bondosa e compreensiva.

O sr. João de Moraes Gameles era marido da sr.ª D. Dora da Mala de Moraes Gameles e irmão do sr. Francisco de Moraes Gameles.

D. JOANA DA GRAÇA GONÇALVES

Vítima duma trombose, faleceu, na sua casa do Rossio, nesta cidade, ao começo da noite de 2 do corrente, a sr.ª D. Joana da Graça Gonçalves, viúva, há 8 anos, de José Ferreira de Melo, da saudosa memória.

A extinta, que contava 75 anos de idade, gozava, por suas virtudes e qualidades, de estima de quantos a conheciam.

Era mãe do Almozarifem em Aveiro dos C. T. T., sr. Teófilo da Graça e Melo e, ainda, dos srs. Artur e João da Graça e Melo; e avó do Capitão-piloto-aviador sr. Jorge de Almeida da Graça e Melo.

PADRE MANUEL CONDE

No dia 8 deste mês, faleceu, com 88 anos de idade, o Rev.º Padre Manuel Valente dos Santos Conde.

Sacerdote virtuoso, infatigável trabalhador e dotado de aguda inteligência, parquiu, durante cerca de meio século, a freguesia de Avanca, da nossa diocese. Foi Arcipreste do Albergaria-a-Velha; em Aveiro, exerceu proficentemente, há muitos anos, o cargo de Secretário do Liceu.

Aa famílias em luto, os pésames do *Litoral*

AGRADECIMENTO

Fausto Gomes Patarrana

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 12 (à tarde e à noite)
—O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA, com Gary Grant e Deborah Kerr.
Para maiores de 17 anos.

Domingo, 13 (à tarde e à noite)
—DOUTOR FAUSTO, com Richard Burton e Elizabeth Taylor.
Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 17 (à noite)
—MATT HELM NAO PERDOA..., com Camilla Sparv, James Gregory e Beverly Adams.
Para maiores de 17 anos.

CINEMA — NOTÍCIAS

Como foi oportunamente anunciado, o filme **DOUTOR FAUSTO**, brilhante interpretação de ELIZABETH TAYLOR e RICHARD BURTON só pode ser exibido na sessão da noite do próximo domingo. Para preencher a matineé do Avenida foi escolhido o filme em **TECNICOLOR** que abriu, em Lisboa, no S. Jorge, o ciclo «**HUMOR EM FESTIVAL**». Porquê essa escolha? Porque é uma das melhores comédias de sempre: «**ENGANAI-ME NO NÚMERO**» com BOB HOPE e ELKE SOMMER.

No próximo sábado, 19, voltaremos a ver **MÚSICA NO CORAÇÃO**.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 19 — Os srs. Padre António Augusto de Oliveira, Manuel Rêla Baptista, Jofre Almir Gómes de Moura e António Abílio Dantas Gomes, e o menino Rui Duarte, filho do sr. Duarte Simões da Cunha.

Amanhã, 19 — A sr.ª D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposa do sr. Alberto Ferreira Barbosa, o sr. Manuel Pompeu Figueiredo, os meninos António Augusto, filho do sr. Dr. João Gaios Henriques, e João Manuel, filho do sr. Amadeu de Lemos Moreira, e a menina Maria de Lourdes, filha do sr. José da Silva Cravo.

Em 14 — As sr.ªs D. Júlia Candal, esposa do sr. Dr. Candal, D. Margarida Teles Miranda, esposa do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires, e D. Enéida da Silva Sabino, os srs. António da Costa Ferreira e Eng.º Mário Gonçalves da Costa, o menino Jorge Manuel, filho do sr. José Marques Rodrigues da Paula, e as meninas Rosália Pereira de Almeida e Maria de Fátima, filha do 1.º Sargento sr. Manuel Carvalho.

Em 15 — A sr.ª D. Maria das Dores Moreira da Cunha, esposa do sr. António Joaquim da Cunha, e o sr. D. Domingos de Lemos Manoel (Atalaya).

Em 16 — A sr.ª D. Delminda da Costa Sarrico Vieira Gamelas, esposa do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e os srs. prof. Gelásio Sarabando da Rocha e João Máximo Freitas.

Em 17 — A sr.ª D. Maria da Apresentação Martins Pereira, o sr. António Ricardo da Silva Pereira e Castro, a menina Maria Benedita, filha do sr. José Vieira da Mala Romão, e o menino José Manuel, filho do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes.

Em 18 — O sr. Joaquim Costa e as meninas Isabel Maria, filha do sr. Ricardo Adoré Ferreira Nunes, e Maria Dora, filha do sr. António das Neves.

MAJOR JOÃO ANTONIO FERREIRA FERNANDES

Foi promovido ao seu actual posto e nosso conterrâneo sr. Major João António Ferreira Fernandes, antigo Comandante da Companhia da G. N. E. desta cidade, que actualmente se encontra em missão de soberania em Timor.

NOVO AGENTE TECNICO

No Instituto Industrial do Porto, terminou o seu curso de Agente Técnico de Engenharia Electromecânica o avelrense sr. Manuel Candeias Vieira Valentim, filho do sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.

Tribunal Judicial da Comarca de Anadia

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de habilitação de cessionários requeridos por João Agostinho, também conhecido por João Agostinho Portugal, e mulher, Maria do Rosário de Almeida Rato, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Costa Nova, e Beatriz de Oliveira Bichão, separada judicialmente de bens, doméstica, também moradora em Costa Nova, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, é, por este meio, citado aquele João Agostinho da Costa para, no prazo de oito dias, que começa a ser contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta com início na data da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a habilitação aludida, deduzida pelos referidos requerentes Lucinda Clara Agostinho Portugal e marido, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando, na sua qualidade de interessado herdeiro na herança do inventariado António Agostinho Portugal no inventário acima identificado.

Aveiro, 3 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito,
ABEL PEREIRA DELGADO

O Escrivão de Direito,
LUIS HENRIQUE FERREIRA

Litoral — Ano XV — 12-10-68 — N.º 727

Empregada de Escritório
— precisa-se, com alguma prática, para fora de Aveiro. Fornece-se transporte grátis a partir de Esgueira.
Telefone 94 167.

Instituto Médio de Comércio de Aveiro

EXPLICAÇÕES

Orientadas por professores deste Instituto, em pequenos cursos, para as disciplinas de:

Matemática — 4.º, 5.º e 7.º anos;

Física-Química — 5.º ano;

Desenho — 6.º e 7.º anos.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Rua João Mendonça, 17

Telefone n.º 27 177

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA GINÁSTICA

HERNANI

R. Pinto Basto, 11

(ao Teatro Avelrense)

Tel. 2559

Teatro Necessário e Necessidade de Teatro

Continuação da primeira página

HORA É de defaldarmos a nossa bandeira da renovação e progresso total! Uma vez mais (e quase sem dar por isso) me ocorre o facto de que, para podermos andar, para termos possibilidade de iniciarmos essa nova fase a que eu chamo de «conjugação de esforços entre o público e o teatro, de aproximação e mentalização para um teatro melhor», dizia eu, me ocorre o facto da necessidade premente do celeberrimo teatro de bolso! Sim, porque, para além de todas as vantagens técnicas e materiais, o teatro de bolso seria como um símbolo ideológico para a missão que queremos cumprir. Além disso, nós sabemos que a evolução do teatro atingiu as casas de espectáculo na sua estrutura básica de construção e que a sua adaptação ao género de teatro que lá se faz é um facto palpável e bem visível.

Como eu inicialmente preveni, há certos pontos aqui focados que talvez não estejam dentro daquilo que o título que escolhi possa sugerir. Mas estes problemas sobre teatro têm todos, directa ou indirectamente, ligação uns com os outros; quase sem querer, e ao levantar uns, vêm outros e outros agarrados!

Talvez seja um pouco deslocado focar as dificuldades tremendas que os grupos amadores têm em obter peças que, dentro do seu programa estabelecido, possam adaptar-se às suas possibilidades humanas e técnicas e cujos problemas possam ser resolvidos a contento. Para além disto tudo, existem ainda factores indirectamente ligados ao teatro-arte que provocam a estagnação e desorientação nestas colectividades que, acima de qualquer propósito, pretendem firmar-se dignamente como mentores (despretenhosos) de cultura e arte. Mas não posso permitir-me, digamos, divagações desta ordem. Regressemos! **TEATRO NECESSÁRIO!** Sim, uma necessidade que NÓS temos de impor aos outros. Criar essa

necessidade, ampliá-la e solidificá-la, é triunfar em toda a linha! Obrigar o público a precisar de teatro!

Eu próprio tenho confessado a mim mesmo que, contemporizar com o público, por vezes, é extremamente perigoso, despersonaliza e pode até criar vícios que podem ser fatais à estrutura da obra que pretendemos realizar. Mas eu julgo que estou a ser explícito: Ajudar o público, empurrá-lo suavemente (mas com firmeza) para o nosso objectivo, não é contemporizar. Significa consciência e noção das responsabilidades, espírito bem aberto e, de certo modo, astúcia e agudeza de raciocínio.

Há casos concretos de grupos de amadores que, no início das suas actividades teatrais e levados por entusiasmo transbordante e pernicioso de fazer arte pela arte, pela euforia de realizar, construir, surpreender, apresentaram peças de teatro moderno (temas de teatro intelectualmente evoluído) a plateias sem qualquer preparação para o receber. Resultado: absolutamente negativo. E não digo negativo referindo-me ao espectáculo em si, mas sim às consequências futuras que daí advieram. O público fugiu, assustado, e 70 % (ou mais) da finalidade esvaiu-se por precipitação e entusiasmo inexperiente. Depois, a recuperação desse público, mesmo pelos moldes que eu defendo com calor, torna-se morosa, difícil e cravada de sacrifícios. Por vezes surgem obras de vanguarda que, por fenómenos muito interessantes e motivos muito especiais, resultam junto de camadas sociais de nível muito inferior ao que vulgarmente chamamos de médio.

Vejamos o caso da celebrada e tão discutida peça, de Samuel Becket, «A Espera de Godot», que, apresentada em sessão privada aos reclusos de uma das mais célebres penitenciárias dos Estados Unidos (na sua maior parte homens condenados a penas maiores e até à pena capital) se tornou num autêntico êxito, comprovado por rigoroso e honesto inquérito

feito pelos responsáveis do espectáculo junto desses homens. E o mais desconcertante (e de certo modo comovente), e que verificaram com intensa surpresa, é que todos eles tinham metido no espírito e seguido com agudeza de raciocínio a linha total da obra de Becket! E compreendido o seu alcance! Como teria sido possível acontecer que, uma peça que tinha falhado junto das melhores (?) plateias da Europa e dos Estados Unidos tivesse aquela aceitação (pura e simples) junto de homens à margem da sociedade, corruptos e assassinos?

O fenómeno explica-se e, embora parecendo que não, vem defender a tese que tenho vindo a sustentar. Vejamos: «A Espera de Godot», considerado mundialmente uma obra-prima no género de teatro de vanguarda, literalmente aceite e compreendida por um público sem qualquer preparação teatral ou intelectual! A obra deste grande dramaturgo irlandês entrou e foi assimilada porque o tema básico da peça lhes dizia respeito, lhes falava de algo das suas próprias vidas, da sua situação presente. E, então, tudo aquilo que constituía uma barreira para quem não estava preparado para receber uma obra destas se esfumou, empurrada por uma total entrada no espírito da peça, no reagir das personagens e no seu conteúdo moral e social. Então, subitamente, um texto que se considera de antemão difícil e para o qual se necessita de uma capacidade, transformou-se para aqueles homens em **TEATRO NECESSÁRIO**, porque lhes dizia muito das suas próprias vidas, porque os fez vibrar, porque lhes mostrou

É feio andar sem meias
de Inverno ou de Verão
visite a «**LOJA DAS MEIAS**»
tem preços de ocasião

muitos dos seus problemas e incapacidades. O próprio local — severo, fechado e rigorosamente disciplinado — impunha concentração de espírito, um estado de alma que ajudava a preparar a recepção para a obra de Becket. Foi **TEATRO NECESSÁRIO** que os reclusos viram, porque ele foi algo que os fez pensar e sofrer, que lhes mostrou e disseceu aspectos da sua vida completamente falhada, que os interessou, que os fez discutir e procurar soluções.

Prova-se com tudo isto que o **TEATRO NECESSÁRIO** não tem — nem pode ter! — um tipo definido. É apenas aquele que... se torna preciso, seja em que circunstâncias for.

Para isso, continuo a insistir, desculpem, nós cá estamos para o tornar indispensável, para o enraizar, para mentalizar e habituar a recorrer ao teatro.

Nunca poderei afirmar que termino! Por duas razões: 1.º — Porque o assunto é inesgotável e extremamente discutível; 2.º — Porque eu próprio não considero estas minhas apreciações e opiniões completas, exprimindo tudo o que vejo e sinto a respeito do **TEATRO NECESSÁRIO**. Direi apenas. Por agora fico por aqui! Mas, ao fazê-lo, estarei — a título paradoxal, talvez — e intuitivamente, a considerar a minha análise incompleta, apesar de ter afirmado ir tentar explanar todo o meu ponto de vista sobre **TEA-**

TRO NECESSÁRIO E NECESSIDADE DE TEATRO.

Fecho, como comencei, servindo-me de outro grande nome do teatro, um génio no chamado teatro de vanguarda, no teatro de espírito e alma, um homem que foi também um pária da sociedade: Jean Genet! É dele a passagem que abaixo transcrevo, extraída da sua obra «Journal du Voleur» (Diário de um ladrão):

«...Stilitano estava só! Todos haviam conseguido sair menos ele. E estranhamente o universo velou-se para mim. A sombra que repentinamente caiu sobre as coisas e as gentes era a sombra da minha solidão confortada com esse desespero, pois já incapaz de gritar ou de se atirar contra as paredes de vidro, já resignado a ser o objecto de escárnio da multidão que o espreitava, Stilitano agachara-se no chão, recusando-se a continuar...»

Podemos comparar-nos e antagonizar-nos a Stilitano: De certo modo estamos, talvez, um pouco sós mas nunca nos recusaremos a continuar.

JOSÉ JULIO FINO

Dr. Mário Sacramento

MÉDICO ESPECIALISTA

**Aparelho Digestivo
Radiodiagnóstico**

DOENÇAS ANO-RECTAIS

(HEMORRÓIDAS)

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 50-1.º

Tel. 22 706

AVEIRO

Carlos M. Candal
ADVOCADO

Trav. do Governo Civil, 4-1.º-D

(Cerca do Palácio da Justiça)

AVEIRO

Emprego

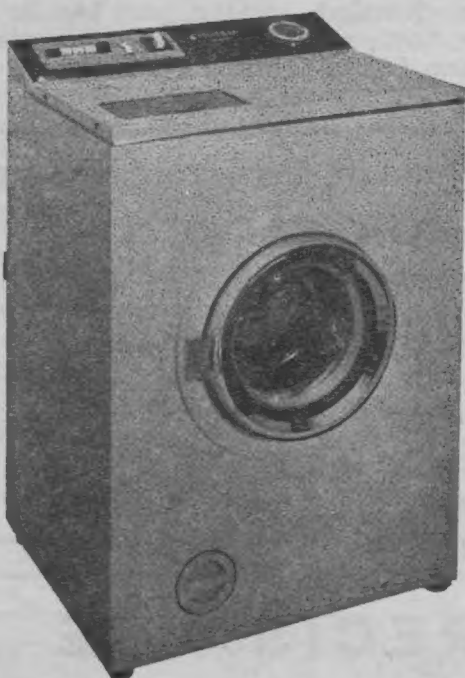
Com o 2.º Ciclo Liceal e possuindo conhecimentos de dactilografia, deseja emprego compatível.

Respostas ao n.º 70 desta

MINHA SENHORA

CHEGOU A ALTURA DE DESCANSAR... LAVANDO!

**MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA TOTALMENTE AUTOMÁTICAS
COM CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS INSUPERÁVEIS**



dixan

O DETERGENTE ALEMÃO QUE DEVE USAR

- ★ Capacidade — 5,5 kg. de roupa seca
- ★ Inserção automática de detergente para a prè-lavagem e lavagem
- ★ Relógio para prè-determinar o início da operação
- ★ Dispositivo economizador para pequenas quantidades de roupa
- ★ Velocidade de centrifugação até 700 rotações por minuto
- ★ Visor óptico para verificação do desenrolar da lavagem
- ★ Cuba de aço esmaltado
- ★ Tambor de aço inoxidável

IMPERIAL — ZANUSSI — RELAX — BOSCH

PREÇOS: desde 4750\$00

Prestações mensais a partir de 190\$00

Peça-nos uma demonstração sem compromisso

AGÊNCIA COMERCIAL

TELEF. 24041/4

RIA, LDA.
AVEIRO

REGISTO

Resultados da 5.ª jornada:

A. VISEU — FAMALICÃO	2-0
COVILHA — BEIRA-MAR	1-2
ESPINHO — SALGUEIROS	0-2
LEÇA — PENAFIEL	4-1
TIRSENSE — T. NOVAS	2-0
VALECAMBRE — TRAMAGAL	2-2
BOAVISTA — GOUVEIA	5-1

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Boavista	5	4	1	0	14-5	9
Salgueiros	5	3	1	1	10-3	7
Famalicão	5	3	0	2	10-7	6
BEIRA-MAR	5	3	0	2	9-6	6
A. Viseu	5	3	0	2	8-5	6
Tirsense	5	2	2	1	6-5	6
Leça	5	3	0	2	8-8	6
Tramagal	5	2	1	2	9-10	5
Gouveia	5	2	1	2	4-8	5
Penafiel	5	1	2	2	4-6	4
T. Novas	5	1	2	2	5-7	4
Valecamb.	5	1	2	2	6-9	4
Espinho	5	1	0	4	4-10	2
Covilhã	5	0	0	5	4-12	0

Jogos para amanhã:

FAMALICÃO — BOAVISTA
BEIRA-MAR — A. DE VISEU
SALGUEIROS — COVILHA
PENAFIEL — ESPINHO
TORRES NOVAS — LEÇA
TRAMAGAL — TIRSENSE
GOUVEIA — VALECAMBRE

Desportos

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Velho problema sem solução...

RECINTOS PARA AS MODALIDADES POBRES

Apontamento do
ENG.º MANUEL BOIA

A Associação de Basquetebol de Aveiro elaborou o calendário dos jogos dos Campeonatos Regionais da modalidade, para a presente época, calendário que a Imprensa trouxe já ao conhecimento do público.

Através dele, vê-se o número de clubes (sete) que actualmente praticam essa emotiva modalidade. Acontece que o panorama é imensamente desolador: em seniores, na prova máxima, unicamente cinco clubes — quando, durante muito anos, foram pelo menos oito os concorrentes. E isto num Distrito onde existem mais de trinta agremiações inscritas na

Associação de Futebol e a concorrer aos campeonatos oficiais!

Só se pode concluir do exposto que é cada vez menor o apoio concedido ao basquetebol. Apolo e muito menos estímulo, o indispensável para que tudo passe a correr melhor.

Bem sabemos que as dificuldades financeiras são muitas. Mas também não se pede que cada clube pratique todas as modalidades.

Todavia, e como bem se sabe, acontece que há inúmeras vilas do nosso Distrito, sedes de concelhos, onde não se praticam as modalidades pobres, por não haver recintos. Citamos, por exemplo: Vila da Feira, Oliveira de Azeite, Agueda, Oliveira do Bairro, Anadia e Vagos.

Por agora, neste apontamento, só pretendemos deixar a seguinte interrogação:

— Não seria de boa política, para se fomentar o interesse pelas modalidades pobres, distribuir as verbas destinadas a algum Pavilhão dos Desportos projectado para a região aveirense por recintos apropriados para a prática do basquetebol, do andebol, do voleibol e do hóquei em patins — os desportos mais divulgados —, a construir naquelas localidades e onde há dezenas de jovens que muito desejariam dedicar-se ao Desporto?

Claramente, que não atrairíamos a intenção, muito louvável, de se construírem pavilhões cobertos, se esses novos rinques fossem feitos unicamente em locais onde, um dia, possa ser levantada uma cobertura.

AVEIRO na I e na III DIVISÃO

● Ao cabo de cinco jornadas, a SANJOANENSE conseguiu averbar o seu primeiro ponto, no «Nacional» da I Divisão, mercê do empate a zero que impôs aos Belenenses, no Estádio do Restelo. Anteriormente, a turma de S. João da Madeira foi derrotada pela C. U. F. (3-0) e pelo F. C. Porto (2-1), no Barreiro e nas Antas; e perdera, no seu campo, contra a Académica (0-1) e contra o Benfica (0-2).

Amanhã, a SANJOANENSE — que ocupa o 13.º lugar — recebe o Sporting de Braga.

● No Campeonato da III Divisão, os clubes aveirenses estão incluídos na Zona B, em que se apuraram, na ronda de abertura, os seguintes desfechos:

LAMAS — Vildemoinhos	4-1
OLIVEIRENSE — Mortágua	4-1
FEIRENSE — U. de Coimbra	1-2
Celorigense — Guarda	1-1
LUSITANIA — Lamego	1-0
Mariálvas — Pinhelenses	3-0

Amanhã, efectuem-se estes jogos:

Vildemoinhos — Mariálvas
Mortágua — LAMAS
FEIRENSE — OLIVEIRENSE
Guarda — U. de Coimbra
Lamego — Celorigense
Pinhelenses — LUSITANIA

chuva artificial
BAUER
rega por
aspersão
GUSTAVO CUDELL
PORTO — Rua do Bolhão, 137
LISBOA — Rua Passos Manuel, 69-A

Aluga-se

Escritório na Rua de João Afonso, N.º 6 (Rossio) — Aveiro.

Informa esta Redacção.

HÓQUEI EM PATINS

● Em jornadas de propaganda promovidas pela Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro, Termas e Galitos defrontaram-se, nas Termas de S. Pedro do Sul, no último domingo, empatando a cinco golos; e voltam a jogar, esta noite, no Pavilhão de Ilhavo.

De realçar os frutos que os alvi-rubros têm vindo a colher em consequência da actividade regular da sua turma, em treinos e jogos. O Galitos, de facto, após tangencial desaire (5-6) na Marinha Grande, há bem pouco tempo, logrou empatar agora no ringue do Termas.

● A Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro assegurou a realização, em datas a indicar muito em breve, do II Torneio do Outono — com a participação da Académica, Galitos, Sport e Termas.

● A Federação Portuguesa de Patinagem já remeteu à Direcção-Geral dos Desportos, para o definitivo parecer, o processo relativo à criação da Associação de Patinagem de Aveiro. Aguarda-se, portanto, que seja superiormente homologado este novo organismo, que será presidido pelo Eng.º Manuel Bóia.

● Tudo indica que, em 30 de Novembro, se realize em Ilhavo um desafio de hóquei em patins de muito interesse, defrontando-se as turmas do Porto e de Lisboa. A anteceder esse prelo, em que intervirão os mais cotados «internacionais» portugueses, haverá um jogo entre as selecções de Aveiro e de Braga.

A turma aveirense será escolhida e orientada pelo Dr. Maya Seco, se este aceitar o cargo de seleccionador regional.



Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

JUNIORES e JUVENIS

No último domingo, na ronda inaugural destes torneios, apuraram-se os seguintes desfechos:

Juvenis

AMONIAO — GALITOS	26-34
ESGUEIRA — SANGALHOS	62-28
BEIRA-MAR — ILLIABUM	14-37

Juniões

ESGUEIRA — SANGALHOS	42-31
BEIRA-MAR — ILLIABUM	8-58

— Factos de relevo: o excessivo número de faltas assinaladas no Esgueira — Sangalhos, em juniores; as dificuldades que os juvenis do Galitos encontraram em Estarreja; a debilidade dos representantes do Beira-Mar, sobretudo na categoria de juniores, que tiveram estreia desalentadora; e o facto de terem ganho todos os favoritos.

Assinalamos ainda, com uma palavra de elogio, a actuação dos árbitros Manuel Gonçalves e Aureliano Silva, nos jogos Beira-Mar — Illiabum (a que assistimos): o primeiro, sobretudo, sobre estar sempre seguro, teve a grande virtude de esclarecer os jovens basquetebolistas do motivo das infracções que lhes assinalava.

— Jogos para amanhã:

GALITOS — SANGALHOS
ESGUEIRA — BEIRA-MAR
ILLIABUM — SANJOANENSE

Folgará o Amoniao (juvenis). Os desafios principiam às 10 horas (juvenis) e às 11 horas (juniores).

XADREZ de NOTÍCIAS

Sob orientação do técnico Diamantino Dias, iniciaram-se, na passada semana, os treinos dos andebolistas do Beira-Mar, que prosseguirão, às terças e quintas-feiras.

Na Secção de Andebol dos beiramarrenses, além do Delegado da Direcção, Alfredo Almeida Marques, encontram-se os desportistas Agido Pádua, Porfírio Soares Machado e António José Gonçalves Meneses Leitão — o último antigo praticante do Estrela e Vigorosa, do Porto, agora radicado em Aveiro.

Na terceira jornada do I Torneio Corporativo de Futebol organizado pela Delegação de Aveiro da F. N. A. T., apuraram-se estes resultados:

CORFI — MOLAFLEX	7-1
EST. S. JACINTO — C. P. LAMAS	1-2
C. P. LUSO — MOGOFORES	4-0
VILARINHO — PAULA DIAS	2-0

Amanhã, defrontam-se:

MOLAFLEX — OLIVA
C. P. LAMAS — CORFI

Val disputar-se, em Espinho, o III Torneio de Andebol da Costa Verde, a que concorrem — além de grupos portugueses, o Sporting de Espinho e a Sanjoanense.

Também convidado para aquela competição, o Beira-Mar declinou o convite, por não ter a equipa devidamente preparada.

Num encontro amistoso de futebol, em Lourosa, no penúltimo domingo, o Lusitânia perdeu com o Alba, por 2-1. Na turma de Albergaria-a-Velha, já não alinhará o guarda-redes Pais — um reforço que tinha sido anunciado —, que ficou de novo no Académico de Viseu, um tanto inesperadamente.

No boletim do concurso n.º 7 do «Totobola», para 20 do corrente, foram incluídos onze desafios da ronda de abertura da «Taça de Portugal» — a disputar só numa mão — e os jogos A. S. A. — Ferroviário e Quelimane — Textáfrica, dos Campeonatos Provinciais de Angola e Moçambique, respectivamente.

Centro Particular de Transfusões de Aveiro

JOÃO CURA SOARES

MÉDICO

EX-ESTAGIÁRIO DO SERVIÇO DE SANGUE DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Serviço permanente de Transfusões de Sangue

De Dia — 22 349

De Noite

Domingos — 22 295

Períodos — 24 300

TELEFONES

MAYA SECO

Médico Especialista

Partor, Doenças das Mulheres — Cirurgia Ginecológica

Consultório na Rua do Eng.º Oudinet, 24-1.º — Telefone 22982

Consultas às 2.ª, 4.ª e 6.ª, feiras, com hora marcada

Residência: R. Eng.º Oudinet, 23-2.º — Telefone 22088 — AVEIRO

FRANCISCO DA SILVA ROCHA

Continuação da primeira página

níssimo interesse.

Dias depois deste breve e agradável encontro, recebia pelo correio, com grande espanto meu e com lisonjeiras dedicatórias, dois belos trabalhos do Padre Romero Vila, da Academia Portuguesa Ex-Libris, trabalhos que li com muito interesse porque, além do reconhecimento devido àquele sacerdote, me falavam de duas figuras pelas quais nutro particular simpatia e admiração: os escultores Alves de Sousa e Teixeira Lopes, há muito desaparecidos.

O primeiro foi o autor, entre outros trabalhos célebres, da escultura «Oedipo e Antígona», que tanto o notabilizou, trabalho que procura evocar a figura desse trágico Édipo que, sem saber, matou o próprio pai, acabando ainda, por ignorância, por casar com a mãe, tragédia que a psiquiatria escolheu para dar um nome a um complexo muito frequente nas crianças — o complexo de Édipo —, nome tirado dessa inesquecível tragédia grega que levou o rei de Tebas, desesperado, a vazar os olhos, «a despedir-se das suas reais grandezas para, com sua filha, Antígona, abandonar o reino e por ela ser guiado, pelo mundo fora, em doloroso exílio voluntário». O segundo foi o célebre escultor de crianças que, pelo facto de nunca ter filhos escreveu — como se pode ler no trabalho do Padre Romero Vila intitulado «No centenário do nascimento de Teixeira Lopes» —, o seguinte: «O destino quis que eu não tivesse filhos; não pude conhecer essa ventura e Deus sabe com que amargura o digo. Esse mesmo destino levou-me a ser — como todos dizem — o escultor das crianças. Teria eu modelado esses pedaços de alma se fosse um pai feliz? Talvez não.»

Alves de Sousa, que aban-

Visto por A. Torres



donou o mundo aos trinta e oito anos, foi, sem dúvida, um dos maiores escultores portugueses de todos os tempos e foi também o autor de alguns monumentos célebres, entre os quais me é grato citar o da Rotunda da Boavista do Porto. Só não foi também o autor do monumento ao Marquês de Pombal, em Lisboa, porque, como recorda Romero Vila, um júri assim o entendeu; mas António Arroyo, conhecido escritor, engenheiro, músico e crítico de arte, indignou-se contra a escolha feita, por considerar Alves de Sousa o escultor que

deveria ser classificado em primeiro lugar.

Ao recordar aqui o nome de António Arroyo, que contava entre os seus amigos os dois artistas a que acabo de referir-me, lembrei-me de Francisco da Silva Rocha, talentoso aveirense que conheci, pela primeira vez, em casa do meu saudoso cunhado Ricardo Pereira Campos Júnior, que ao ilustre crítico de arte, a Teixeira Lopes e a Alves de Sousa, mereceu, a par duma grande estima, uma extraordinária admiração.

Durante longo tempo, contactei com essa veneranda figura que, além de possuir uma cultura geral invulgar, tinha estampado no rosto os traços de um homem profundamente bom, de elevado carácter, bem alicerçado numa educação primorosa e invulgar, de que os seus descendentes são nobilíssimo reflexo.

Amigo dos maiores pensadores, escritores e artistas portugueses nacionais do seu tempo, também o seu privilegiado espírito conviveu com notáveis escritores e artistas estrangeiros.

Silva Rocha foi, na nossa lindíssima cidade dos canais, um distinto arquitecto, paterno director da Escola Industrial e Comercial e, ali, respeitado pedagogo; integro director de um banco e pintor de rara e apurada sensibilidade. Quando morreu, com noventa e tal anos, deixou na superior e elevada massa de intelectuais e eruditos avei-

Espelho da Cidade

Título — que é homenagem — trasladado dum filme notável de Vasco Branco

Nas águas dos canais o céu s'espelha,
As águas dando os tons mais variados
Que vão dos tons azuis esverdeados,
Aos tons dourados duma opa velha.

E quando a brisa ou a nortada engelha
As águas, em reflexos irisados,
Começa, ante os olhos espantados,
O «ballet» da imagem que se espelha.

Montes de sal, de alvura imaculada,
Gaivotas que do peixe andam ao cheiro
No rasto da traineira ora chegada...

Entra agora na dança o moliceiro
C'o a caprichosa proa recurvada.
...Tanta beleza, tanta, só AVEIRO!

Malo — 66

ROGÉRIO BARROCA

CRÓNICAS de CINEMA

GRINGO NÃO PERDOA

Artur Fino-Júlio Henriques

UM movimento quase constante, insistente, diuré-tico, os cinemas cá da terra (e das outras também) fariam-se de atrair sobre nós quilómetros de vacuidades cinematográficas bar-

retais. Mais uma vez (e porque não havia mais que ver e porque no dia seguinte era, por providência dos deuses, feriado) fomos ao cinema espionar como se estraga dinheiro sem se olhar a meios. Entre parêntesis, nós também o fizemos: largámos os dez paus da ordem (cada um) logo à entrada e já não havia salvação. Ah, vimos lá o Fernandes, especialista em barretes. Como já íamos preparados para um, não estranhámos.

O DRAMA

Era em TechniCola, Dyalis-Cospe e tudo, distribuído pela Filmes Castello Lopes, com o ídolo dos ídolos (sic), Monty Wood, quer dizer, Giuliano Gemma, «A desforra cruel duma traição», dizia o prospecto. «Acção electrizante num filme extra-ordinário» (aspas). A gente é que nunca mais se desforra da perca da faneca de vinte que demos na bilheteira. Enfim, desgraças.

«Super filmes», continuava o famigerado prospecto, referindo-se àquela quantidade descomunal de porcarias technicolóridas (2 175 metros de celulóide ou talvez menos).

Aqueles abusadores (produtores, realizador, operadores e outros cúmplices) italo-franco-espanhóis ofereceram-nos, a troco dos tais «vintinhos» prós ingressos, uma sessão de molho bem condimentado por belas cenas, com pancadaria a granel (dada nátmoss-fera, toda a gente viu) que, a avalar pelo som que a ilustrava, seria capaz de despachar um cavalo irlandês logo às primeiras. Mas não senhor. Os tipos eram mesmo bons. O Gringo, atão, era um disparate: batia em toda a gente, tadinha. Muita pancada levaram aqueles esgracadinhos! E quanto ao tiroteio, nem é bom falar. Os bandidos é que eram muito brancos, coitados. Eram analfabetos e não tinham culpa nenhuma. Condes-cendiam sempre em servir de alvo

Pelos «écrans» de

Aveiro

à puntaria do rapaz. Este cóboi, quera o Gringo, andava a fazer-se à miúda, quera Connie, num sabemos se salembram. Mas a história num começava aqui. O Gringo, (cafinal era o Mac qualquer coisa e tenente ó capitão dos confederados), estava tramado em poder dos inimigos, queram os do norte e usavam fardas escuras. Eles, os do sul, também eram inimigos dos do norte, mas usavam fardas claras, já tinham descoberto o omo. Óspota, comé que foi? Como ele sabia da poda, deu uma sova no coronel nortista quinté. Não, não: foi masé no cabo do rancho por ele não perceber nada de culinária. Pois, assim é que foi. O coronel é que gostava da miúda, perdão, o coronel era velhadas e já não

Continua na página dois

CÂNDIDO TELES

Com o óleo «Algarve I», Cândido Teles obteve o primeiro prémio no I SALÃO DO ALGARVE, que encerrou em 15 do mês transacto. Também em Faro triunfou o pintor ilhavense, nado e criado nas margens da Ria de Aveiro — que é já pintor conhecido e distinguido aquém e além-Ria.

O trabalho galardoad — entre muitos de consagrados autores — integra-se num conjunto de três «Algarves», painéis de consideráveis dimensões, em que Cândido Teles explorou, por simplificação e abstracção, o binário rocha-água, daí resultando uma solução acentuadamente expressionista, que particularmente se teria imposto ao júri pela actualidade técnica e conteúdo pictórico.

Cândido Teles está francamente lançado na corrida para os êxitos: depois do primeiro prémio, em óleo também, no AVEIRO IV, somasse-lhe, agora, o do Algarve; e, com este, mais uma menção honrosa no recente VI

Continua na página quatro

BARCA de Antiquidades

SECÇÃO DIRIGIDA PELO DR. HUMBERTO LEITÃO

UM CURIOSO DOCUMENTO

Auto da arrematação da renda da Barca da Boqueia do Pinheiro

«Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e quatro, aos três dias do mês de Julho do dito ano, nesta Cidade d'Aveiro, e casas da Câmara Municipal da mesma, aonde se achavam presentes o Presidente e mais vereadores abaixo assinados, por ele Presidente foi dito que tendo-se anunciado por editais, para no dia de hoje se arrematar a renda da barca da Boqueia do Pinheiro, metade pertencente a este Município e a outra metade ao de Albergaria, ordenava que se abrisse a praça para se proceder à mencionada arrematação, e em seguida mandou ao Oficial de Pregoeiro Joaquim Simões Basílio, que puzesse a dita renda a preção, ao que satisfazendo, o referido Oficial deu princípio à arrematação, apregoando às portas deste edificio, dizendo que quem quizesse lançar na renda da barca da Boqueia do Pinheiro viesse dar o seu lance, que se havia de arrematar e entregar a quem por ela mais oferecesse, e continuando com este preção por espaço de tempo apareceu José João de Abreu, de San João de Louro, e lançou a quantia de vinte mil réis em metal sonante e cor-

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA AVEIRENSE NO SÉCULO PASSADO

Continua na página três

VIVER PARA VIVER de Claude Lelouch

Luís Lima Ramos

AO podemos deixar de considerar o filme de Claude Lelouch como um mau filme:

1 — Em face da história conjuga! que nos conta, o filme de Claude Lelouch não educa; não permite concluir com clareza o que era que estava errado na vida em comum de Robert e Catherine. É certo que Rob. não devia enganar Cath., nem devia de um modo geral votá-la àquele papel de esquecida, àquela vida à margem da vida dele. É certo que Cath., podendo facilmente pressentir um tal estado de coisas desde o início, devia reagir contra essa situação, provocando, se necessário, um sincero debate de razões com o marido. No entanto, o filme não nos mostra Cath. a proceder assim: como iremos compreender que ela devia proceder assim? O filme mostramos um Rob. que pôde gozar como lhe apeteceu, e voltar para Cath.

quando lhe apeteceu: com que base vamos julgar má a conduta de Rob.? Do princípio ao fim da história, o papel de Cath. não deixa de ser o da mulher submetida ao homem, mulher para uso do homem quando ele está em casa. É precisamente este quadro que o filme, quando termina, nos deixa desenhado — resumo e conclusão de toda a história conjugal que nos é contada: a mulher, objecto para uso do homem. E note-se que tal quadro não é apagado, perto do final, pela atitude mais ou menos firme de Cath., que acorda numa separação e refaz a sua vida com independência e dignidade: pois se, apesar de tudo, Cath. volta a viver com Rob. quando ele a chama! E como saber se a nova ligação dos dois será mais justa que a primeira? O que nos responde o filme a isto? Nota-se o empenho em apresentar aos espectadores um Rob. desenvolto, actual, homem de facilidades. Um Rob. assim acaba por inspirar (tristemente), em grande parte do públi-

Continua na página dois